

A INTERSUBJETIVIDADE NO ROMANCE *LAVOURA ARCAICA*, DE RADUAN NASSAR

Laila Gonçalves França¹

Resumo: Neste trabalho, buscaremos discutir a constituição do protagonista André, de *Lavoura Arcaica*, romance escrito por Raduan Nassar, a partir da noção de intersubjetividade concebida pelo filósofo francês Maurice Merleau-Ponty. A intersubjetividade diz respeito ao modo como o sujeito se relaciona com o mundo e com os semelhantes, reconhecendo-se a si próprio unicamente por meio desta relação.

Palavras-chave: *Lavoura Arcaica*; Raduan Nassar; literatura filosófica; intersubjetividade.

[...] pela primeira vez senti o fluxo da vida, seu cheiro forte de peixe, e o pássaro que voava traçava em meu pensamento uma linha branca e arrojada, da inércia para o eterno movimento [...]

Raduan Nassar

No romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, é possível perceber a imagem da ideia de intersubjetividade concebida por Maurice Merleau-Ponty (2006) em sua *Fenomenologia da percepção*. A nosso ver, é através dessa noção de intersubjetividade que o protagonista André se relaciona com os seus semelhantes e com o espaço natural. Nesse sentido, buscaremos desenvolver uma breve discussão acerca do comportamento deste personagem diante da natureza, da família e de si mesmo. A intersubjetividade funciona, portanto, como a descoberta do outro por parte de André. Esse processo se dá pela forma como a família e o mundo se apresentam para ele através dos sentidos e dos afetos.

É a partir do processo de intersubjetividade que, no romance de Nassar, André descobre seu próprio corpo e pode relacionar-se com sua família, formando, portanto, seu próprio ponto de vista em relação à mesma. Sartre (1970, p. 249) diz que “[o] outro é indispensável à minha existência, tal como, aliás, ao conhecimento que tenho de mim. [...] Assim, descobrimos um mundo a que chamaremos a intersubjetividade, e é este mundo que o homem decide sobre o que ele é e o que são os outros”.

Dessa forma, a sexualidade tem um ponto fundamental na obra, visto que é a partir dela que André desperta a curiosidade sobre a vida e o interesse por participar dela. Com isso, o narrador desafia as condutas de sua religião e de seu pai para

¹ Egressa do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás – UEG, Unidade Universitária de São Luís de Montes Belos. Bolsista PVIC-UEG pelo projeto de pesquisa “O diálogo entre literatura e filosofia na ficção brasileira do século XX”, coordenado pela professora Ms. Patrícia Chanely Silva Ricarte. Endereço eletrônico: laila.171@hotmail.com

descobrir o mundo por meio do corpo, pois conhecendo a si mesmo conhece também aos outros, tornando-se um ser capaz de reconhecer suas atitudes, como podemos conferir no fragmento abaixo:

Os olhos no teto, a nudez dentro do quarto; róseo, azul ou violáceo, o quarto é inviolável; o quarto é individual, é um mundo, quarto catedral, onde, nos intervalos da angústia, se colhe, de um áspero caule, na palma da mão, a rosa branca do desespero, pois entre os objetos que o quarto consagra estão primeiro os objetos do corpo (NASSAR, 1989, p. 9)

André manifesta desejos sexuais pela sua própria irmã, sendo esta uma das razões para a oposição de seu pai em relação ao seu comportamento. Merleau-Ponty, (2006, p. 231) ressalta que o homem está ligado diretamente com o outro por meio do corpo, que tem a mesma função de sujeito, mas também de objeto:

Dizer que tenho corpo é então uma maneira de dizer que posso ser visto como um objeto e que procuro ser visto como um sujeito, que o outro pode ser meu senhor ou meu escravo, de forma que o pudor e o despudor exprimem a dialética da pluralidade das consciências e que eles têm sim uma significação metafísica. O mesmo poderia ser dito do desejo sexual: se ele se acomoda mal á presença de um terceiro testemunho, se ele se sente como um sinal de hostilidade uma atitude demasiadamente natural ou conversas muito indiferentes da parte do ser desejado, é porque quer fascinar e porque o terceiro observador ou o ser desejado se é demasiado livre de espírito, escapam á fascinação [...] A importância atribuída ao corpo, as contradições do amor ligam-se, portanto a um drama mais geral que se refere á estrutura metafísica de meu corpo , ao mesmo tempo objeto para o outro e sujeito para mim.

André, através da relação de intersubjetividade, pode perceber o que acontece à sua volta. Mas quem observa o seu comportamento sempre será outrem, já que, como ressalta Merleau-Ponty (2006, p. 135), o ser não tem a capacidade de observar seu próprio corpo e conseqüentemente as suas ações:

Em outros termos, observo objetos exteriores com meu corpo, eu os manejo, os inspeciono dou a volta em torno deles, mas quanto ao meu corpo, não o observo ele mesmo: para poder fazê-lo, seria preciso dispor de um segundo corpo que não seria ele mesmo observável. Quando digo que meu corpo é sempre percebido por mim, essas palavras não devem ser entendidas em um sentido simplesmente estatístico e deve haver na apresentação do corpo próprio que torne impensável sua ausência ou mesmo sua variação.

Nesse sentido, no romance em questão, André encontra liberdade através do próprio corpo, o que lhe possibilita se relacionar consigo mesmo, e com a natureza, que nesse romance é antropomorfizada e considerada parte de seu próprio corpo, constituída como maligna, ou seja, aquela que pactua com seu próprio pecado e fraqueza. Dessa

forma, o personagem-narrador descobre seus instintos como homem, participando da natureza e enfrentando seus medos e angústias, como é demonstrado no excerto abaixo:

Pondo folhas vermelhas em desassossego centena de feiticeiros desceram em caravana do alto dos galhos, viajando com o vento, chocalhando amuletos nas suas crinas, urdindo planos escuros com urtigas auditivas, ostentando um arsenal de espinhos venenosos em conluio aberto com a natureza tida por maligna; povoaram a atmosfera de resinas e de unguentos, carregando nossos cheiros primitivos, esfregando nossos narizes obscenos com o pó dos nossos pólenes e o odor dos nossos sebos clandestinos, cavando nossos corpos de um apetite mórbido e funesto; sentindo duas mãos enormes debaixo dos meus passos, me recolhi na casa velha da fazenda, fiz dela o meu refúgio, o esconderijo lúdico da minha insônia e suas dores, tranquei ali, entre as paginas de um missal (NASSAR, 1989, pp. 92-93).

André estabelecia contatos com os animais e com a natureza, explorando os desejos do corpo e, desde a adolescência, apresentava era considerado por sua família como o epilético, o doente, o galho podre da família. Assim, ele desenvolve um comportamento de descoberta do que até então estava reprimido, o sexo, que é liberado como uma capacidade que o personagem tem de dominar o espaço que ainda não possuía; esse espaço que sempre fora almejado por ele, um lugar na mesa da família (Cf. NASSAR, 1989, p. 160).

Em *Lavoura Arcaica*, André é representado, em sua adolescência, como um ser rebelde que confronta o pai e os princípios da sociedade. Na obra em questão, sempre é debatida a ideia do tempo, o qual tem a característica da sabedoria, da paz e da constituição de caráter. Segundo Merleau-Ponty (2006, p. 483), “para mim é um destino ser livre, não poder reduzir-me a nada daquilo que vivo, conservar uma faculdade de recuo em relação a toda a situação de fato, e este destino foi selado no instante que seu campo transcendental foi aberto”. No entanto, o personagem em questão transgredir as leis do tempo e os ensinamentos do pai e da religião ao cometer o pecado inadmissível na sua religião: o incesto.

Era Ana, era Ana, Pedro, era Ana a minha fome “explodi de repente num momento alto, expelindo num só jato violento meu carneão maduro e pestilento,” era Ana a minha enfermidade, ela a minha loucura, ela meu respiro, a minha lâmina, meu arrepio, meu sopro, o assédio impertinente dos meus testículos [...]” era eu o irmão acometido, eu, o irmão exasperado, eu, o irmão de cheiro virulento, eu, que tinha na pele a gosma de tantas lesmas, a baba derramada do demo, e ácaros nos meus poros, e confusas formigas nas minhas axilas, e profusas drosófilas festejando no meu corpo imundo (NASSAR, 1989, p. 109-110).

Em *Lavoura Arcaica*, é possível perceber que André e seu pai, Iohána, são personagens surpreendentes, já que sua constituição é esférica. André, no começo da

narrativa, é um transgressor que seduz a irmã e mancha a honra da família. Depois, é redimido, reconhece o seu erro: “farei do trabalho a minha religião, farei do cansaço a minha embriaguez, vou contribuir para preservar a nossa união, quero merecer de coração sincero, pai, todo o teu amor” (NASSAR, 1989, p. 170). Iohána, um pai criterioso, preservador da união, ao final da narrativa, entende que a culpa pela loucura de André é de Ana e a assassina para preservar a ordem patriarcal, espalhando a tristeza e a angústia em sua família: “mas era o próprio patriarca, ferido nos seus preceitos, que fora possuído de cólera divina (pobre pai!), era o guia, era a tábua solene, era a lei que incendiava – essa matéria fibrosa, palpável, tão concreta, não era desencarnada como eu pensava” (NASSAR, 1989, p. 193). Assim, André descobre que seu pai também possui sentimentos trágicos e que ele é capaz de cometer uma atrocidade para defender a honra da família.

O romance é dividido em duas partes: “A partida” e “O retorno”. Em “A partida”, André conta a Pedro, seu irmão, porque deixou o convívio familiar. A causa dessa sua atitude é o amor incestuoso que sentia pela mãe e por sua irmã, Ana.

Merleau-Ponty (2006, p. 476) destaca que:

Com o cogito começa a luta das consciências das quais cada uma, como diz Hegel, persegue a morte da outra. Para que a luta possa começar, para que cada consciência possa presumir as presenças alheias que ela nega, é preciso que elas tenham um terreno comum e que se recordem de sua coexistência pacífica do mundo de criança.

Nesse sentido, em *Lavoura Arcaica*, há a presença de duas consciências: a de André e a de seu pai, que entram em conflito. André vive preso em sua infância e tem o desejo de assumir um lugar concreto na mesa da família. Como na infância André sente fascinação por sua mãe, ele sempre confronta o pai:

O amor que aprendemos aqui, pai, só muito tarde fui descobrir que ele não sabe o que quer; essa indecisão fez dele um valor ambíguo, não passando hoje de uma pedra de tropeço; ao contrário do que se supõe, o amor também desune; e não seria nenhum disparate eu concluir que o amor na família pode não pode não ter grandeza que se imagina. (NASSAR, 1989, p. 168)

Assim, André condena os preceitos da família não sabendo o lugar aonde quer chegar com suas dúvidas, contudo, o personagem comete erros. De acordo com Merleau-Ponty (2006), o ser primeiramente para encontrar a verdade entra em conflito com mundo exterior para poder encontrar as respostas no seu mundo interior. Enquanto o ser erra, ele está a caminho de descobrir a verdade e somente quando reconhece seu

erro é que encontra a reconhece verdade do mundo que o circunda. Dessa forma, como afirma Merleau-Ponty (2006, p. 533),

nossos erros só se tornam verdades uma vez reconhecidos, e subsiste uma diferença entre seu conteúdo manifesto e seu conteúdo de verdade latente, entre sua pretensa significação e sua significação efetiva. O que é verdadeiro é que nem o erro nem a dúvida nos cortam da verdade porque eles são rodeados de um horizonte de mundo em que a teologia da consciência nos convida a procurar sua resolução.

Nesse sentido, o personagem André quer estabelecer seus próprios limites e fundar o seu templo, com sua crença, e a partir desse momento ele começa a estabelecer a relação entre o real e o mundo do inconsciente, ou seja, ao pensar que é dono de sua própria história ele está tentando definir o seu espaço dentro da sua realidade exterior e no seu interior há o encontro entre a pergunta e a resposta, uma indagação de seu ser

Tenho dezessete anos e minha saúde é perfeita e sobre está pedra fundarei minha igreja particular, a igreja para meu uso, a igreja que frequentarei de pés descalços e corpo desnudo, despido como vim ao mundo, e muita coisa estava acontecendo comigo, pois me senti num momento profeta da minha própria história, não aquele que alça os olhos para o alto, antes o profeta que tomba o olhar com segurança sobre os frutos da terra, e eu penso e disse sobre esta pedra me acontece de repente querer, e eu posso! vendo o sol se enchendo com o seu sangue antigo, retesando os músculos perfeitos, lançando na atmosfera seus dardos de cobre sempre seguidos de um vento quente zunindo em meus ouvidos, me rondando o sono quieto da planta. (NASSAR, 1989 pp. 89 – 90)

Merleau-Ponty (2006) ressalta que o ser tem muitas coisas para aprender dele mesmo e que não é possível conhecer-se imediatamente, visto que a descoberta da personalidade é uma busca interminável, e que nunca saberemos quem verdadeiramente somos, pois o tempo é um ciclo que começa e a descoberta do ser é infinita. O ser se transforma a partir de um erro ou derrota e recomeça a viver de um modo diferente daquele em que estava vivendo:

Não é possível pretender que eu sempre tenha sabido aquilo que presentemente sei, e realizar nos meses passados um conhecimento de mim mesmo que acabo de adquirir. De uma maneira geral, não é possível negar que eu tenha muitas coisas a aprender sobre mim mesmo, nem colocar previamente no centro de mim mesmo um conhecimento de mim em que antecipadamente esteja contido tudo o que mais tarde saberei de mim mesmo. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 508-509).

Nessa perspectiva, André descobre o mundo como descobre a si mesmo. Tal descobrimento é metaforizado pelo próprio narrador-personagem, que reconhece a sua

descoberta como se tivesse adentrado a mata virgem. Dessa forma, com olhos de lagarto, um olhar curioso tenta desvendar o próprio ser, buscando o significado da sua existência, procurando dominar o próprio espaço para auto-afirmar-se enquanto ser e, assim, buscar o significado do seu estar-no-mundo. Este fato evidencia-se na passagem em que o personagem percebe que não está sozinho no mundo e que as pessoas existem para completar o sentido de sua existência. O eu e o outro estão interligados, para formar um conjunto. Desse modo, se dá a descoberta de André no mundo e a sua relação com o outro.

Referências Bibliográficas

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um Humanismo. In: ____ . *Os Pensadores*. Trad. Vergílio Ferreira. Lisboa: Editorial Presença, 1970.